



ELEMENTOS NA HISTÓRIA DO ENSINO DE MATEMÁTICA EM UM COLÉGIO SALESIANO FEMININO ENTRE 1930 A 1970 NO SUL DO MATO GROSSO UNO

Luciani Coelho Guindo dos Santos¹
Edilene Simões Costa dos Santos²

RESUMO

O presente texto tem como finalidade apresentar alguns elementos que caracterizaram o ensino de matemática encontrados em uma Instituição de Ensino Salesiano, administrada pelas irmãs filhas de Maria Auxiliadora, em Campo Grande região Sul do Mato Grosso UNO. O período em análise é entre 1930 a 1970 é perpassado por duas grandes reformas educacionais, a Francisco Campos, de 1931 e a LDB 5692 de 1971, marcos temporais do ponto de vista histórico. Apresentamos aqui alguns elementos que fizeram parte do ensino da matemática nos primeiros anos escolares no Colégio Salesiano, os quais eram ministrados à *moças de fino trato*. Dentre eles destacamos: livros, materiais pedagógicos e didáticos. Como referenciais teóricos utilizamos, dentre outros os conceitos de Michel de Certeau, Dominique Julia e André Chervel. O texto irá gravitar em torno da seguinte questão: Que trajetória de constituição teve a aritmética no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, sendo esta uma escola para moças? Sendo que. A elas bastava um currículo que contemplasse prendas domésticas, música, português, francês, e matemática, que incluía somente as quatro operações, passando pelas seguintes fases: ensino da aritmética com o uso da tabuada, aula de resolução de problemas; aulas de desenho

Palavras Chaves: Gênero. História Cultural. Saberes Escolares. História da Educação Matemática.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo tem como finalidade apresentar alguns elementos que caracterizaram o ensino de matemática encontrados em uma instituição de ensino salesiano, administradas pelas irmãs filhas de Maria Auxiliadora, em Campo Grande região Sul do Mato Grosso UNO.

Apresentamos aqui alguns elementos que fizeram parte do ensino da matemática nos primeiros anos escolares no Colégio Salesiano, os quais eram ministrados a moças de fino trato, entre eles destacamos: livros, materiais pedagógicos e didáticos, sendo estes um dos objetivos específicos investigados na dissertação de mestrado em Educação Matemática que está em andamento pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Desta forma, esse texto se estrutura em três partes: a primeira a partir de uma apresentação panorâmica da Região do Mato Grosso UNO, delimitado na

¹ Mestranda no Programa de Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. lucianicsantos@hotmail.com

² Docente da Universidade Federal Mato Grosso do Sul – UFMS, Campus Campo Grande - MS
E-mail: edilenesc@gmail.com.

temporalidade pelo qual esta pesquisa está inserida, tendo em vista o contexto histórico social mato-grossense e suas particularidades no âmbito econômico, cultural, político e geográfico, objetivando compreender os significados que os sujeitos desta sociedade atribuíram aos movimentos educacionais vindouros da Reforma Francisco Campos (1930) perpassando a primeira lei que regulamenta o Ensino no Brasil, LDB 5692/71.

A segunda, o *lócus*, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora tecendo o movimento de constituição desta Unidade de Ensino na cidade de Campo Grande, hoje capital do Mato Grosso do Sul. E por fim, trazemos os *elementos* que caracterizaram o ensino da matemática ensinada no colégio feminino supracitado. Assim, esse texto gravita em torno da seguinte questão: Que trajetória de constituição teve a aritmética no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, sendo este um Colégio para moças? De início iremos, no próximo item, entender como era constituída a sociedade, a economia no Estado do Mato Grosso UNO.

1.0 MATO GROSSO UNO: ASPECTO SOCIAL E ECONÔMICO

Primeiramente, vale destacar o motivo pelo qual, por repetidas vezes, utilizamos neste artigo o termo “Sul do Mato Grosso UNO”. Adotaremos esta nomenclatura para salientar que o Mato Grosso e o Mato Grosso do Sul, ambos estados do Brasil neste tempo, eram um único Estado ao tempo do período abrangido por esse texto. Por isto chamado de “UNO”. Ao utilizarmos o termo “Sul do Mato Grosso” nos reportaremos ao atual Mato Grosso do Sul criado somente por meio da Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977. Como esta pesquisa se delimita entre os anos (1930-1970) não iremos usar Mato Grosso do Sul.

Para entendermos o processo de Constituição da aritmética nos primeiros anos escolares em um colégio salesiano, temos que reportar ao cenário social, econômico e político e suas influências no contexto educacional neste estado como destaca (Certeau, 1982, p.68) que diz: “Antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como funciona dentro dela”. Sendo assim, tomamos para compor este item algumas literaturas pelo qual nas sequências do texto iremos citá-las.

O Estado do Mato Grosso nas décadas de 1930 a 1970 era o segundo maior Estado do Brasil em expansão geográfica, com aproximadamente 12.604.000 km²

de território, sua economia girava em torno da agricultura, extração mineral e da pecuária, que paulatinamente tornou-se a maior fonte econômica do Estado (Rodrigues, 2006). Sua capital é Cuiabá; a economia do Estado foi fortalecida pela construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil em 1914, que interligava o município de Aquidauana à São Paulo, este sendo Polo Econômico Nacional, facilitando assim, o escoamento da produção do Estado e abrindo portas para o crescimento urbano e econômico.

Neste cenário, o Governo proporcionou um tipo de incentivo que era chamado de *Marcha para o Oeste* que tinha como objetivo a ocupação de terras nas áreas de fronteiras, onde se pudesse garantir por parte do Governo Federal a soberania e a segurança nacional. Estes incentivos eram literalmente a distribuição de terras nas regiões de fronteiras e também em lugares devolutos, lembrando que Mato Grosso UNO, era um estado grande em território, porém pouco habitado.

Em virtude da imigração de várias etnias para esta região, principalmente por meio de projetos de colonização nas terras devolutas, houve um grande avanço na economia no Estado. Dentre os projetos de colonização destacamos dois, que foram implantados na região sul do Mato Grosso UNO: a Colônia Bodoquena, em Miranda, a Colônia Marechal Dutra, em Ponta Porã, atual município de Aral Moreira, Em detrimento ao ambiente favorável promovido pelo governo e o crescimento econômico e expansão territorial e populacional, o Estado passa a girar em torno de uma economia que tinha “[...] uma função comercial e uma indústria em crescimento, que incluía a construção civil, móveis, calçados, beneficiamento de arroz, café, algodão, laticínios, charqueadas e o Frigorífico Matogrossense” (RODRIGUEZ E OLIVEIRA, 2013, p. 02).

Diante do crescimento econômico e as políticas públicas propostas na Era Vargas (1930), surge a necessidade de uma maior escolarização por parte da sociedade, como aponta Oliveira:

[...] no sul do estado a posição geográfica da cidade de Campo Grande e a expansão da rede ferroviária e rodoviária no centro das transações comerciais da região que atraiu uma grande quantidade de imigrantes (árabes, japoneses, espanhóis, portugueses e italianos), principalmente após a inauguração da estrada de ferro em 1914, além de comerciantes e fazendeiros nacionais, desencadeando um processo de modernização e demanda de profissionais, para atuar na área educacional. (RODRÍGUEZ E OLIVEIRA, 2008, p.347).

Podemos observar, neste pequeno esboço, um cenário capitalista alicerçado pelas influências dos fazendeiros, comerciantes e latifundiários que viram no solo

mato-grossense a oportunidade de crescimento econômico. Sociedade esta que, em meios a questões políticas e econômicas e expansão territorial, aportam a uma estrutura familiar tradicional e religiosa, onde a família é protegida pelo Estado, atribuindo assim uma educação que alavanca-se a economia do estado, dado ao processo de modernização pelo qual o país sofre e ao mesmo tempo amparar os bons costumes. Assim, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora é implantado na Cidade de Campo Grande, como iremos ver no próximo item.

2.0 CONSTITUIÇÃO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA: UMA INFLUÊNCIA POLÍTICA, SOCIAL

Fundada em 22 de fevereiro de 1926 e atualmente localizada na Rua Pedro Celestino no Município de Campo Grande neste estado, o Instituto de Nossa Senhora Auxiliadora foi, segundo Yara Penteado, um marco para a cidade de Campo Grande, região Sul do Mato Grosso Uno.

Segundo Penteado (1996) a matrícula do curso primário começou no dia 25 de fevereiro de 1926 com aproximadamente 143 alunas em um prédio provisório, alugado à Rua 26 de agosto, oferecendo cursos elementares de quatro anos e complementar de dois anos, funcionando em regime de internato, semi-internato e atendendo alunas pagantes e não-pagantes. A seguir na Imagem 01, temos a visão panorâmica do prédio logo após sua inauguração e, 1931.



Imagem. 01 - Colégio Nossa Senhora Auxiliadora 1931, sede na rua Pedro Celestino
Fonte: PENTEADO, Yara. Auxiliadora 70 anos: 1926- 1996. p.38.

O objetivo do ensino dessas meninas, como foi apontado pelas pesquisas de Ortiz (2014), era prepará-las para um bom casamento, obtendo dentro dos padrões rígidos do Colégio Feminino administrado pelas salesianas, um comportamento adequado e um ensino voltado à condição feminina da época, que tinha no seu foco o refinamento cultural e social, para enfim, ao final dos estudos, estarem aptas ao convívio social com mulheres honradas e se tornarem uma verdadeira “*dama da sociedade*”. Assim é que, neste ambiente religioso por uma hegemonia política, social e moral, é que encontramos alguns dos elementos históricos do ensino da matemática sobre os quais passaremos a discorrer a seguir.

3.0 COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA E OS REPERTÓRIOS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

O que são *Elementos*? Para nós que pesquisamos no campo da História da Educação da Matemática Escolar é muito comum falarmos de *Elementos*. Nós, do Grupo de Pesquisa História em Educação Matemática Escolar-GEPHEME, compreendemos que *Elementos* são um repertório pedagógico, que possibilitam a investigação de como o ensino era proposto no decorrer do tempo. Em outras palavras, tudo o que permeia o ensino e são usados como estratégia ou tática para as práticas de aprendizagem, nisto consideramos o que consideramos com sendo *Elementos*.

O nosso lugar de pesquisa é o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, mas não é o nosso foco analisar o colégio, mas o movimento pelo qual passou a matemática a ser ensinada. Sabemos que não era qualquer colégio, mas uma instituição de ensino privada administrada por freiras salesianas em um período que contempla o Movimento da Escola Nova (1931)³, perpassado por período de inflexões, Lei 4244/1942, Lei 5692/1961 e, finalmente, a LDB 5692/71, que regularizou e organizou o ensino no Brasil.

Para este texto, fizemos uma escolha, em virtude do espaço que nos era permitido e articulamos o referencial teórico juntamente com os elementos

³³ Nos anos 1920, no Brasil, inicia um movimento educacional que já estava em vigência em outros países - o Movimento da Escola Nova - que atingiu seu auge com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) que visava à aceleração de um processo de modernização educacional, no qual uma nova escola pudesse abordar um conceito funcional da educação e oferecer às crianças um ambiente dinâmico e natural, com atividades escolares espontâneas, de modo a estimular constantemente os alunos que passavam a ser o centro no processo educativo e detentor das iniciativas em atividades desenvolvidas na sala de aula (AZEVEDO *et. al.*, 2010).

matemáticos encontrados no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, onde separamos por categorias onde se alicerça a análise deste artigo. Para tal, escolhemos como fonte de pesquisa primária o *Relatório do Colégio*, o qual detalharemos a seguir. Neste documento as categorias que destacamos foram: **elementos de controle; finalidades; vulgata e cultura escolar**, que serão articuladas no decorrer do texto.

No colégio feminino em questão, identificamos um dos elementos de “controle” os *conteúdos de ensino*, que são vistos como as “táticas e estratégias” quando seguimos o viés de Certeau (2014), pois de um lado a sociedade elitizada clama por uma educação e ao mesmo tempo se preocupa com a base familiar. Por outro lado, o governo, aliado e mantido pela burguesia, que dita normas e regras que contemplam a educação para moças com conteúdos voltados à educação doméstica, prendas do lar, comportamento, etiqueta entre outras. Certeau (2014) pontua o seguinte:

Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição (CERTEAU, 2014, p.46).

Assim as meninas eram ensinadas a ter uma conduta irrepreensível *regada de moral e bons costumes*⁴, e sob a proteção do Estado, sendo este, guardião absoluto da família consumado pelos enlances do matrimônio e a benção da igreja.

Partindo deste cenário cultural, o que trouxemos aqui é um recorte do que está sendo pesquisado, muito singelo na dimensão do repertório matemático já encontrado no Colégio, que conjecturamos ser a matemática que era ensinada para elas nos primeiros anos escolares.

Ficamos na pesquisa de campo por aproximadamente 3 meses o que nos chamou a atenção para compor este texto, foi um *relatório*⁵ datado de 1935 – 1939, elaborado pelas irmãs salesianas para a *inspeção federal*⁶, onde nele existem as normativas da Instituição Escolar separadas em três partes.

A primeira, os *dados gerais* do Colégio, que à na época tinha o nome de “Ginásio Feminino Nossa Senhora Auxiliadora”⁷, (a partir de 1934 é oferecido o

⁴Moças instruídas para serem futuras esposas, prendadas, boas mães, encarregada no fortalecimento familiar tendo como exemplo Nossa Senhora, mãe de Jesus Cristo.

⁵Art. 51 Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932.

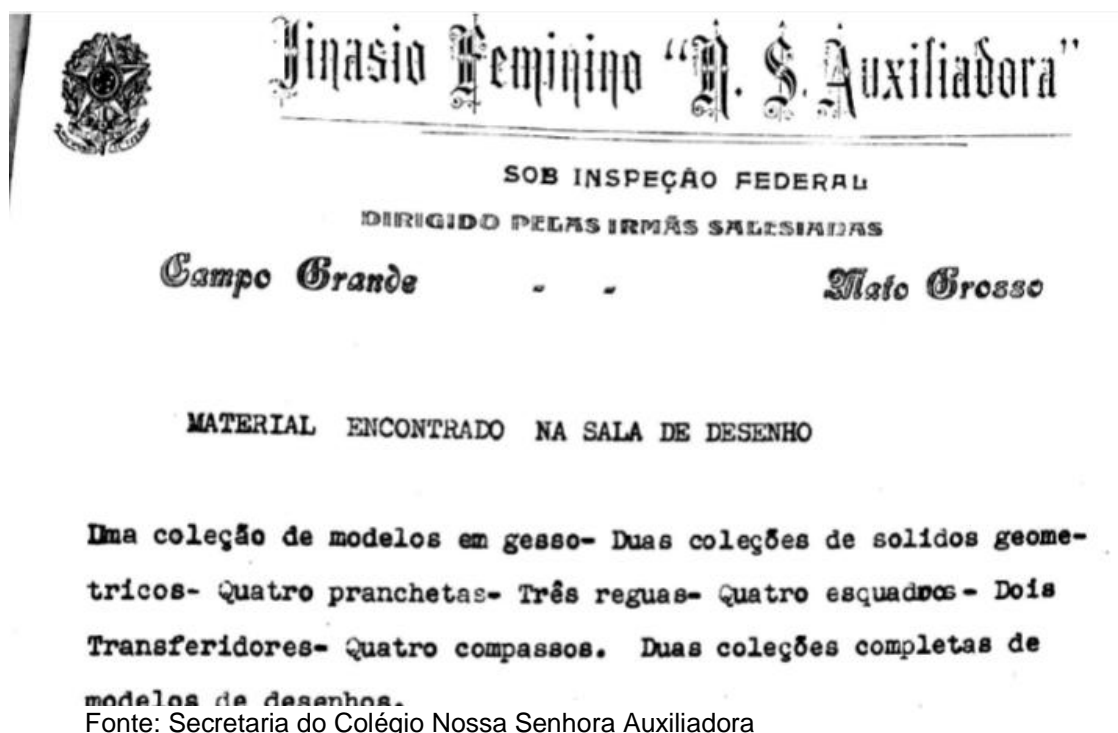
⁶Decreto n. 19.890 de 18 de abril de 1931.

⁷Somente em 1943 por meio do decreto n. 11.470 de 03/02/1943 é que passa a ser usado o nome de Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

curso ginásial, por isto Ginásio Feminino); a segunda parte, *ala estrutural*, contendo as dimensões das salas e de toda a área escolar interna, externa e os repertórios pedagógicos existentes nas salas, específicas de cada disciplina. Nestas fontes primárias encontramos também a planta baixa desta unidade de ensino, mas não scaneamos por não fazer parte do nosso foco de estudo. E na terceira parte, os *estatutos* contento as finalidades da instituição explicando detalhadamente os cursos que eram oferecidos: O Jardim da Infância para crianças 3 a 6 anos; Curso primário com quatro anos de duração; curso ginásial com quatro anos de duração, normal e comercial com duração de três anos, estes dois últimos equiparados ao ensino médio para melhores esclarecimentos.

Para dar início ao nosso exercício de análise, tomamos como recorte este estatuto na (fig.01), destacamos o repertório pedagógico e didático para o ensino de desenho que conjecturamos ser um dos elementos que compõem o processo de constituição da matemática no colégio salesiano feminino nos anos iniciais.

Fig. 01 – Material Encontrado na sala de desenho pelo serviço de inspeção. Texto escrito no relatório datado 1935-1939

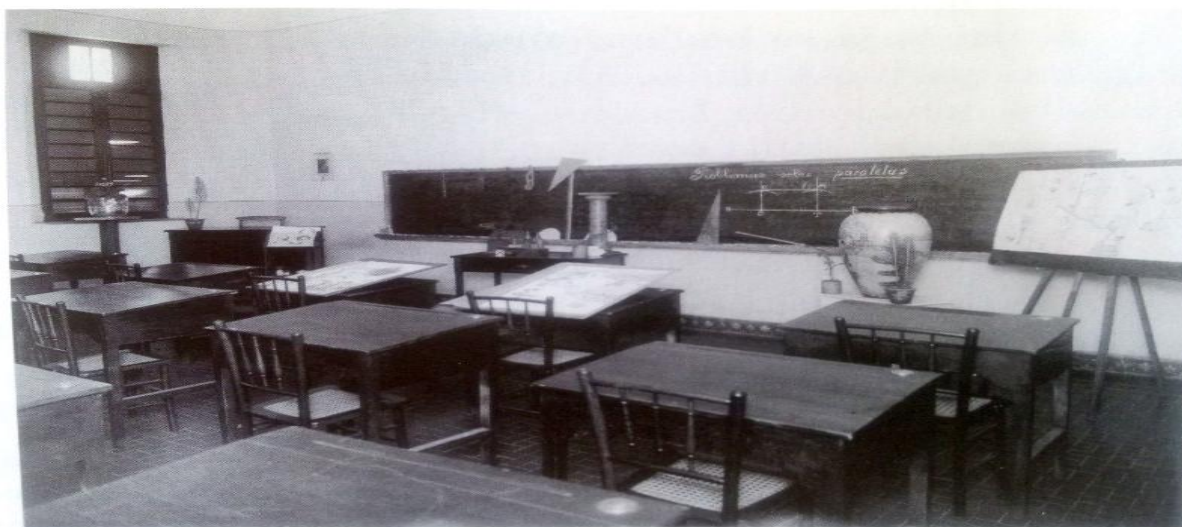


Podemos conjecturar por meio desta descrição (fig.01) que o ensino de geometria poderia ser um conceito superficial, e que ele era apenas trabalhado para

aulas de bordados e costuras, pois nem todas as alunas das salas poderiam manipular ao mesmo tempo estes repertórios pedagógicos. Além do mais, para o ensino da época as aulas se concentravam no ensino elementar, que visavam à *preparação de um bom casamento*, consistindo apenas de gramática e aritmética (as quatro operações fundamentais), “dando preferência para as prendas domésticas” (Saviani 2014.p.65), objetivando sempre a cultura em educar as moças para serem futuras esposas, mães amorosas capazes de serem as guardiãs da família e dos bons costumes - uma verdadeira dama da sociedade.

Logo abaixo na (fig.02) da sala de aula de Geometria e Desenho, tirada em 1931 com os materiais didáticos.

Fig. 02 - Colégio Nossa Senhora Auxiliadora 1931, sede na rua Pedro Celestino



1931. Sala de aula, com material de Geometria e Desenho.

Fonte: PENTEADO, Yara. Auxiliadora 70 anos: 1926- 1996. p.40.

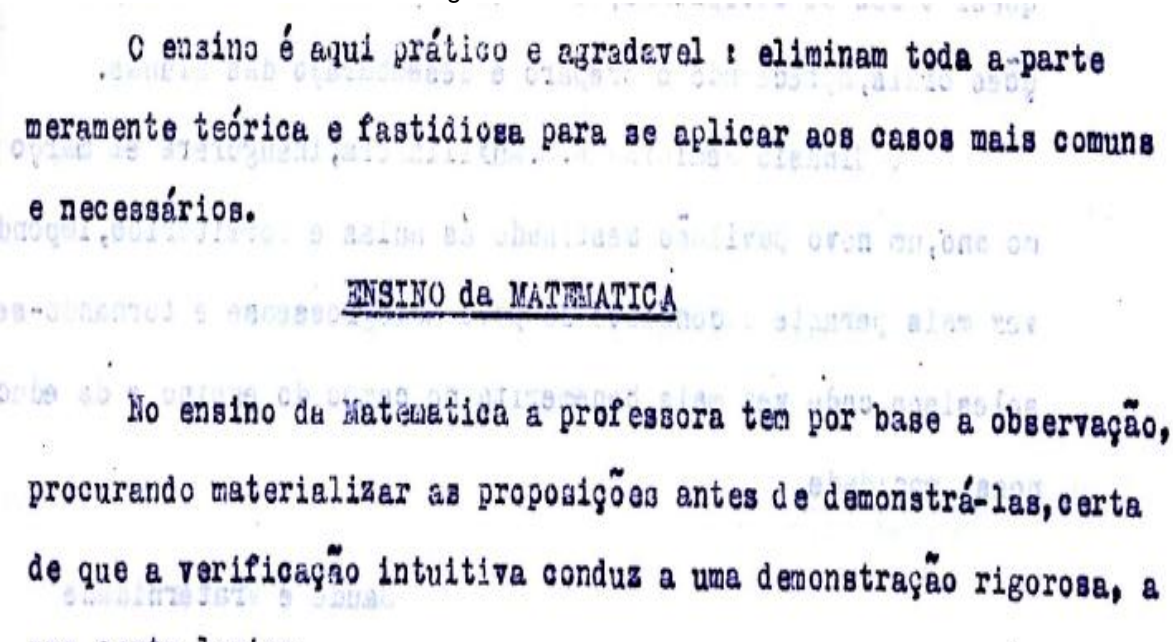
Desta forma podemos entender o que (Chervel 1990. p.188) aponta sobre as finalidades⁸ neste contexto de ensino para o autor: “As disciplinas escolares estão no centro desses dispositivos. Sua função consiste em cada caso em colocar um conteúdo de instrução a serviço de uma finalidade educativa”.

Diante disto podemos conjecturar que o ensino da geometria poderia ser superficial, tendo em vista as finalidades apropriadas no contexto da época vigente, que eram de “instruir as futuras esposas e mães, donas de casa encarregada da educação familiar e do fortalecimento da família” Saviani (2014.p.70).

⁸Para Chervel (1990), finalidade é um conjunto complexo cheio de sutilezas, que se reduz aos ensinamentos explícitos e programados de uma escola.

Outro ponto que trazemos para discussão é um fragmento de um relatório nº 04 de dezembro de 1935/39, um relatório do *Inspetor geral*⁹ que trata da exposição dos métodos no ensino trabalhados no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, cujos resultados foram obtidos após a inspeção.

Fig. 03 - Trecho do Relatório do Serviço de Inspeção do ensino secundário (ginásio) datado 1935/1939 Fonte: Secretaria do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



No trecho acima (fig.03), observamos que o ensino da matemática era desenvolvido pela prática de se aprender pelo exemplo, método intuitivo¹⁰ ou lição de coisas, princípio da Escola Nova, na qual se ensina pela observação e experimentação, onde os livros eram apenas “elementos auxiliares” no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Para entendermos estes repertórios pedagógicos eles são um dos atributos do historiador pelo que Certeau (2014) pontua ser um produto de um lugar, marca de um tempo, uma sociedade, uma fonte rica de investigação.

⁹De acordo com o decreto 19 890 de 18 de abril de 1931, Art. 55, 56, era responsabilidade dos inspetores remeter mensalmente ao Departamento Nacional do Ensino, um relatório detalhado a respeito de cada escola e cada disciplina.

¹⁰ [...] Contato da inteligência com as realidades que se ensinam, mediante a observação e a experimentação, feita pelos alunos e orientadas pelos professores, [...] Art. 103 Decreto lei 356 de 31 de maio de 1921.

Neste pensamento, fomos mais a fundo na investigação e voltamos no Colégio em busca de mais respostas; o que tínhamos em mente era encontrar um caderno de classe, ou uma prova, exame que *pudesse ser confrontado, com os documentos* encontrados até o momento. Olhamos os arquivos individuais dos alunos, fichas, biblioteca e não encontramos nada desta natureza que pudesse responder nossas questões: O que as meninas estudavam em matemática? Usavam livro? Quais? Que tipos de materiais didáticos usavam nas aulas?

Encontramos na uma lista de Livros indicados pelos professores para o ano letivo de 1940, (Anexo01) e uma lista de materiais dados para os pais comprarem para as alunas de 1936 (Anexo02). Embora as datas sejam diferentes entendemos que estes períodos fazem parte da mesma *vulgata*, o que leva em conta o método intuitivo ou lições de coisas, conteúdos trabalhados nos livros de Cora de Alvarenga, presente no terceiro ano primário; e o exame de admissão João Ribeiro e R. Gabaglia;

Mas o que caracteriza uma *vulgata*? Para pontuar esta categoria, tomamos como definição o conceito de Chervel (1990). Para o autor, a *vulgata* de uma disciplina escolar é articulada organizada de forma distinta, constituída por meio de uma prática lógica em um dado período. Assim o autor pontua:

Em cada época, o ensino dispensado pelos professores é, grosso modo, idêntico, para a mesma disciplina e para o mesmo nível. Todos os manuais ou quase todos dizem então a mesma coisa, ou quase isso. Os conceitos ensinados, a tecnologia adotada, a coleção de rubricas e capítulos, a organização do corpus de conhecimentos, mesmo os exemplos utilizados ou os tipos de exercícios praticados são idênticos, com variações aproximadas (CHERVEL, 1990, p.203)

Quando olhamos atentamente estes documentos compreendemos a Cultura Escolar da época, ou seja, os conhecimentos a serem ensinados e condutas a inculcar de Julia (2001):

A cultura escolar como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as finalidades que pode variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001.p.10)

Estes ensinamentos mostram por meio dos livros, o que eram ensinados para as meninas no terceiro e quarto ano do ensino primário, porém, não deixamos de analisar o documento que trazemos no Anexo 02 - materiais como caderno

quadriculado para arithmetica, taboada, além do fato de que no quarto ano primário são solicitados dois cadernos para o ensino de matemática, sendo um para exercícios e outro para problemas, e também caderno contendo mais folhas para sabatina¹¹.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer deste artigo, o estado do Mato Grosso, incentivado pelo Governo Getúlio Vargas, foi beneficiário do Programa *Marcha Para o Oeste*, que tinha como tática e estratégia a migração para terras devolutas no Centro Oeste, produção de matéria prima para subsidiar as indústrias, por meio da ferrovia Noroeste do Brasil que escoava a produção para região sudeste do país e também proteger a fronteiras do Brasil. Desta forma a região Sul do Mato Grosso UNO, avança nos setores, econômico, político, cultural e social, elementos fundamentais que geram a necessidade de políticas públicas que beneficiassem a nova sociedade Campo-Grandense. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, é fundado acompanhando estes avanços, mas não deixando de fora a finalidade e princípios estabelecidos pela sociedade vigente, voltado a uma educação doutrinada nas práticas religiosas impostas pela Igreja Católica, aliadas às exigências de um compromisso com a feminilidade, com o espírito inculcado na imagem de Maria, mãe de Jesus, sendo esta bondosa, amorosa, mãe dedicada e devota ao lar, encarregada da educação familiar, formando assim uma cultura escolar rígida nos padrões eclesiais. A elas bastava um currículo que contemplasse prendas domésticas, música, português, francês, e matemática, que incluía somente as quatro operações, passando pelas seguintes fases: ensino da aritmética com o uso da taboada, aula de resolução de problemas; aulas de desenho. Porém, não temos elementos suficientemente sólidos para afirmar que era trabalhada a geometria e a *lição das coisas*. Todos estes conteúdos eram trabalhados por meio do método intuitivo, presente nas propostas dos livros didáticos e documentos oficiais. Ainda permeia algumas questões que não foram respondidas: Como eram as provas de desenho? Quem eram seus professores? Como eles avaliavam? Deixamos aqui estas indagações para ser respondidas a futuras pesquisas.

¹¹Revisão panorâmica dos conteúdos estudados, geralmente era feito uma vez por semana, mas no caso do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, observamos alguns documentos que conjecturamos que esta prática era mensal, pois atribuía-se o termo “sabatina mensal”.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando de [et al.]. *Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores (1959)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010;
- BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971.
- _____. Lei 19.890 de 18 de abril de 1931. Dispõe sobre a organização do ensino. Brasília, DF: 1931
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.v. 1.
- _____. *A Escrita da história*; tradução de Maria de Lourdes Menezes;. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHERVEL, A. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria & Educação, n. 2, p. 177-229, 1990.
- JULIA, D. *Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação*. In: LOPES, A. C.; 2001
- ORTIZ, Fernanda Roz - *A escola normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do colégio nossa senhora auxiliadora (1946 – 1961)*, Dissertação de Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. 2014.
- PENTEADO, Yara. *Auxiliadora 70 anos: 1926- 1996*.
- RODRIGUEZ, M. V.; OLIVEIRA, R. T. C. de. *A escola normal no sul do estado de MatoGrosso como expressão de uma política pública*. In. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4, 2006. Goiânia. Anais...Goiânia: SBHE, 2006. CD.
- _____. *de História da escola normal no estado de Mato Grosso: implantação e consolidação no sul do estado*. In: Araujo, J.C.S et al (Org). *As escolas normais no Brasil: do Império à República*. Campinas: Alínea, 2008. p. 341-353.
- SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2010.
- _____. *O Legado Educacional do Século XX no Brasil*, Campinas Autores associados, 2014.

Anexo 01 – Relação de livros curso primário para o ano letivo de 1940.
Fonte: Arquivos da Secretaria do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

CURSO PRIMÁRIO

1º ANO

Meu livro Teodoro de Moraes

2º ANO

Meu livro(2º) Teodora de Moraes
Minha Pátria J. Pinto e Silva

3º ANO

Nosso Brasil Hildebrando de Lima
Minha Pátria J. Pinto e Silva
Lições de coisas Cora de Alverenga

4º ANO E CURSO DE ADMISSÃO

Exames de admissão João Ribeiro e R. Cabaglia
Nosso Brasil L. Amaral Wagner
Première année de Français Modesto de Abreu

Anexo 02 Listas de livros e materiais didáticos para curso elementar 1936.
Fonte: Arquivos da Secretaria do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

COLEGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA

LIVROS ADOPTADOS NO CURSO ELEMENTAR EM - 1936

1º Ano Serie A-B-C

Cartilha para a serie A-Ensino rapido da leitura pelo prof. Mariano de Olive
" " " B-C - Meu livro-Theodoro de Moraes-vol.1ª ra.

- 1 caderno de linguagem
- 1 " caligrafia nº 1
- 1 " quadriculado para arithmetica
- 1 " pequeno de desenho
- 1 block para rasadura
- 1 lapis nº 2
- 1 apontador(proibido trazer gilette)
- 1 caixinha para guardar lapis, etc...
- 1 caderno proprio para provas mensais
- 1 blok ou caderno pautado para exercicios em casa
- papel para encapar livros

2º Ano ELEMENTAR

Livro de leitura : MEU LIVRO-TEODORO MORAIS-para o 2º ano elementar
Historia Sagrada-Coleção P. S. S. Curso preliminar-1 Catecismo-1º

- 1 caderno de 20 folhas para pontos
- 1 " " " sabatina mensal
- 1 " de linguagem para copia e ditado
- 1 " arithmetica
- 1 " caligrafia vertical nº 1
- 1 " pequeno para desenho
- 1 lapis preto nº 2
- 1 borracha
- 1 caixinha de lapis de cor
- 1 taboada

3º ANO ELEMENTAR

Livro de Leitura-SERIE CESARIO MOTA-2º livro-por Theodoro de Morais

Historia Sagrada-Curso preliminar -1º catecismo

1-caderno de 50 folhas para Português

2 "2 " " " Artimetica

1 " " " " sabatinas mensais

1 " " caligrafia vertical nº 2

1 " grande para desenho

1 " ou block para rascunho

1 lapis-borracha-caixinha de lapis de cor, regua, estojo etc.
Nota-É proibido trazer gilete e tinta.

4º Ano elementar

Exames de admissão aos cursos ginasiais

Através do Brasil-Olavo Bilac e Manoel Bonfim

Historia Sagrada C. Medio-2º Catecismo

para Português 3 cadernos de 50 folhas sendo 1 para ditados-1 para composições e outro para exercicios.

Para artmetica 2 caderno de 20 folhas sendo 1 para problemas e outro

para exercicios-1 caderno de desenho-1 de caligrafia nº 2-1 caderno de

50 folhas para sabatinas-caneta-lapis-borracha-regua-apontador de lapis

Nota-É proibido trazer gilete e tinta.

Campo Grande, 3 de Fevereiro de 1936